

Correio de Nisa

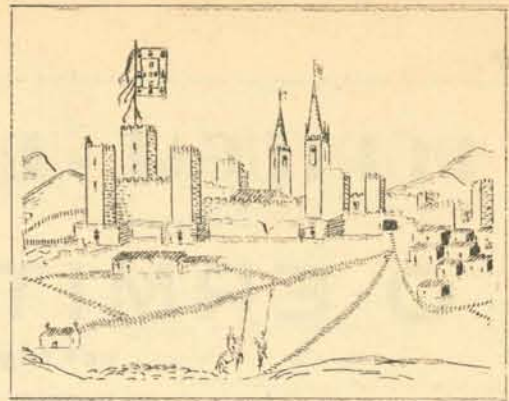
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTONIO CARMONA RIBEIRO
PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



“PRO PATRIA”

A Legião Portuguesa completou há pouco mais um ano de existência.

Força, desde a primeira hora, posta incondicionalmente ao serviço da Pátria, em circunstâncias em que era indispensável deter a onda nihilista, cada dia mais avantajada, na proximidade de um campo de batalha, com intuitos de fazer sossobrar uma civilização milenária, a Legião Portuguesa existe hoje, como ontem, compenetrada dos seus deveres, sempre disposta a enfrentar o inimigo, qualquer que seja e venha de onde vier.

A sua ideia nasceu e frutificou, tornando-se um facto concreto; e às suas fileiras ocorreram todos os de boa vontade, sem hesitações nem receios, postos à margem, logo aos primeiros toques de clarim, os atritos determinados pelo ímpeto do entusiasmo.

E apareceram as mais inesperadas dedicações, os menos supostos prosélitos; enfim, revelações que a análise ponderada poderia apresentar como factos incontroversos, mas que a nota mundana da afirmação gratuita dava como representantes dos mais suspeitos.

Entretanto, “veritas super omnia”.

Por isso mesmo, o aparecer da Legião Portuguesa, além de traduzir a nítida compreensão dum momento histórico, significou também que a verdade é só

uma e que não se deve confundir a mitológica Juno com a sua nuvem complementar.

Alinhadas as fileiras, logo aos primeiros exercícios, houve olhares visionários, faces bisonhas que traduziam muito mais que desconfiança, o declarado receio de não se encontrarem sós em campo os que afinavam pelo mesmo diapasão, isto é, os que se mediam pela mesma craveira espiritual.

Parecia que só alguns tinham, integrados na alma, desde o berço, todos os sólidos ditames a que a Legião deve sempre servir, mesmo antes de se ter pensado no seu estabelecimento, como realidade nacional, efectiva e forte.

Cada um de certa categoria e apartado social seria, por essa forma, e em curto espaço, muito mais que a Legião inteira.

Os factos, porém, abrandaram os ânimos, trazendo no equilíbrio das noções simples e fundamentais, o Verdadeiro e único senso comum.

E hoje, já muitos anos depois do seu nascimento ideológico e real, a Legião Portuguesa é, incontestavelmente, uma força disciplinada e com especial orgânica, disposta ao serviço da Pátria; desta nossa Pátria formosa que nasceu em Ourique, nau de Cristo que ventos contrários nunca farão sossobrar.

Nisa Progressiva

No passado domingo deslocou-se até nós em visita de delicada cortesia, o Grupo Desportivo da Casa do Povo de Cabeção, que veio jogar o « foot-bal » com o « Sport Nisa e Benfica ».

Foram recebidos pela direcção deste grupo local e pelos Ranchos das Cantarinhas de Nisa e Infantil de Nossa Senhora da Graça.

Acompanhava os simpáticos vi-

sitantes o Sr. Dr. Prates Canelas, médico no Cabeção e grande entusiasta de todas as actividades culturais e artísticas daquela Terra, onde muitos niseses vivem em honesta actividade profissional.

Visitaram o Asilo e também a nossa Casa do Povo, onde lhes foi dedicada uma recepção muito gen-

(Continua na página 4)

Os Pelourinhos de Nisa

Por Fernando Portugal

As penas impostas pelos almotacés aos carneiros, padeiras, pescadeiras ou regatões que defraudavam, pela terceira vez (1), o peso dos géneros vendidos, executavam-se nos pelourinhos, também chamados picotas. Eram estes, essencialmente e na maioria dos casos, constituídos por uma gaiola, equilibrada sobre um poste de madeira, tejolo ou pedra, e girando horizontalmente, onde, à maneira gaulesa, eram encerrados os réus, expostos à vergonha e, finalmente açoitados.

Posteriormente a gaiola desapareceu ou subsistiu estilizada, e o pelourinho ficou reduzido ao poste, de madeira ou pedra, com argola ou cadeia de ferro, ao qual eram amarradas as padeiras e regateiras delinquentes e sujeitas às vaías públicas do concelho, por elas colectivamente lesado.

Discute-se ainda hoje se os pelourinhos serviam só para a execução de castigos por pequenos delitos ou também para a aplicação da pena de morte. Nos concelhos onde se mantém a notícia de ter havido força — tantas vezes expressa, por exemplo, no topónimo “tapada da força” —, considera-se que o pelourinho não serviu para a execução da pena capital. Aliás parece desenhar-se uma diferença posicional entre a picota e a força pois enquanto aquela se situava nas imediações da Câmara, esta colocava-se, geralmente, em lugar sobranceiro à vila, de modo que o macabro espectáculo de corpos suspensos a baloiçar ao vento fosse visto e impedisse, pelo terror que inspirava, a repetição de actos criminosos.

Com o decorrer dos tempos, e caídas em desuso as penas públicas, os pelourinhos instituíram-se emblemas da jurisdição municipal, verdadeiras “varas da justiça”, elementos de apreciável valor histórico, regional e arquitectónico, fundidos no molde comum de coluna com estrado, base, fuste e capitel. A decoração foi deixada à inspiração do artista: “Sobre o seu trono de degraus, a vara poligonal polistila ou encordoada, frequentemente anelada no centro, sustenta um capitel sobrepujado de uma pinha florida e armoriada (tipo mais vulgar), de uma lanterna, pináculos de templo oriental, paralelepípedos adornados com figuras ou brasões, degeneração da gaiola pesando tudo, às vezes, sobre quatro cachorros em cruzeta, de pedra ou de ferro” (2).

Depois sobreveio a degradação. Os pelourinhos utilizaram-se — agora quase exclusivamente — para afixação de cartazes, editais do município, anúncios judiciais, fiscais, etc. E finalmente, a partir de 1833,

concitaram as sanhas liberais e, uns, foram somente despojados dos ganchos de ferro, outros, sumariamente condenados à destruição.

Antes de iniciarmos propriamente o estudo dos pelourinhos de Nisa, pensamos do máximo interesse advertir que Montalvão, no começo do séc. XVI (1509-1516), tinha pelourinho de gaiola hexagonal, situado nas proximidades da Igreja Matriz. O seu desenho vem no “Livro das Fortalezas” de Duarte de Armas.

Colocados assim perante esta realidade, quase nos apetece conjecturar que nessa época também a vila de Nisa teria o seu, e de gaiola... E é possível que assim sucedesse pois estando esta construção ligada ao cargo de almotacé, cuja presença assinalámos em Nisa no reinado de D. João II (1481-1495) é natural que já então se erguesse nesta vila.

Mas temos por pouco provável que ainda se conservasse em 1722, ano em que pela primeira vez se nos deparou. A razão é simples: muitos dos primitivos pelourinhos eram, já o dissemos, de madeira, “apodreciam e tinham de ser substituídos de dois em dois anos, ou desmanchados quando se corriam touros” (3). Assim, só talvez no decurso do séc. XVI — e nomeadamente depois do foral manuelino — Nisa conheceu um pelourinho de pedra. E se tal facto pode não sofrer qualquer contestação, já o da localização do referido monumento poderá suscitar — assim pensamos — algumas controvérsias. Pela nossa parte encaramos a dupla hipótese de o edifício camarário ter conhecido diferente, senão oposta, orientação, e a da lateralidade do pelourinho em relação à fachada das casas da Câmara.

É também aceitável que o entusiasmo popular pelas touradas e a impossibilidade de remoção que um monumento de pedra oferecia, tivessem decidido os oficiais da Câmara a colocá-lo ao lado do edifício, conservando assim livre o espaço suficiente para a lide, uma vez que não haveria dificuldades em arranjar touros como deixa perceber a cláusula de arrematação da renda da almotaçaria que transcrevemos:

“Com condição que ele Rendeiro dará os togos de um touro para se correr às garrochas na praça pública desta vila, bons e de aceitar, de que os oficiais da Câmara sejam contentes e o dará todas as vezes que por eles ditos oficiais da Câmara lhe (4) for pedido”.

E na intenção de documentar, possibilitando um juízo pessoal do

problema, juntamos na íntegra, para não desvirtuar o sentido, o termo de arrematação da obra das casas do Concelho, feita a Manuel Gonçalves, pedreiro, natural de Caminha, pelo preço de 100 000 reis.

“Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e vinte e dois anos. Em o primeiro de Novembro de mil setecentos e vinte e dois anos (5) em esta notável vila de Nisa, nas casas da Câmara dela, estando aí presente o Doutor José Pereira Leitão, Juiz de fora em a dita vila e seu termo, e bem assim Diogo Dias Galeano, vereador em a dita vila neste presente ano; e outrossim João Freire, Jerónimo Alcoforado Pimenta, vereadores chamados à dita Câmara, um em lugar do vereador falecido, e outro em lugar do vereador ausente, e estando também na dita Câmara Sebastião Fernandes, procurador chamado em ausência do actual, e logo mandaram pôr a pregão a obra das casas do Concelho da dita vila com as declarações seguintes: a saber, com condição que a pessoa que lançasse nesta obra faria uma casinha de novo no quintal das ditas casas com sua chaminé muito capaz para se cozinhar com sua cantareira de cantaria, e esta casa sobradada e emadeirada por cima, e com portado de cantaria para ser ventia dela, o qual se abriria na Câmara; e que se derribariam as paredes da casa dianteira e se faria de novo todas desde o princípio até o fim, e que a parede da parte do pelourinho chegaria até a janela da casa de dentro tudo de novo, e se desmancharia a casa de dentro até o nível da sala de fora, e correriam em duas águas todos os telhados com seu falso fechada de caseo na forma que de antes estavam, forradas e concertadas do necessário; e que a casa de dentro seria reparada em duas câmaras, uma maior que outra, com seu repartimento de madeira, e o sobrado delas levantado em o nível de outro de fora, tudo sobradado de novo; todas as portas com portas novas e fechados capazes de se aceitarem. E as escadas assentadas de novo com amparo por cima e guarnecidas de calcárea, e branqueadas de cal branca, e todos os materiais por conta do empreiteiro: na qual obra lançou Manuel Gonçalves, pedreiro, a quantia de cem mil reis, e lhe foi arrematada na forma sobredita em praça pública; e por verdade continuei este auto que todos assina-

(Continua na página 4)

Este número
foi visado pela Censura

PORTUGAL - BRASIL

O ERMITÃO

por Eugénio de Castro

Esse Joseph de Sá, meu quinto avô,
fidalgo altivo e caçador de fama,
cumprindo o que jurara à sua Dama,
fez-se humilde ermitão quando enviuvou.

Na ermida, entre águas, relembra só
a que dormia em funerária cama;
na memória, porém, inquieta e em chama,
o rosto dela aos poucos se apagou...

Mas a Virgem, sorrindo com deleite
ao que tão bem, tão plácido o servia,
às tardes, quando o ermitão cansado

o lampadário ia prover de azeite,
co'as feições da defunta lhe apar'cia,
como ela as tinha ao tempo de noivado...

Do nosso colega "Gazeta das Caldas" e da Comissão Municipal de Turismo das Caldas da Rainha recebemos o seguinte:

A nobre cidade que a Rainha Dona Leonor fundou e que tem o condão de reunir em si as vantagens de ser simultaneamente terras, campo e praia, oferece este ano a veraneantes e forasteiros novos atractivos.

A Comissão Municipal de Turismo com a cooperação do bise-manário local Gazeta das Caldas (jornal que tem naquele órgão um representante permanente, circunstância que assinalamos para os devidos efeitos...) está a preparar um completíssimo programa de atracções a que em breve nos referiremos.

A bela cidade estremenha, com o seu Museu de Pintura, Escultura e Cerâmica, com o Parque e a Mata, com o Casino, com as excelentes praias da Foz do Arelho e de

Salir do Porto, com uma biblioteca pública, com o seu Museu de Equitação e Toureio, com farto e pitoresco mercado, com recintos para práticas de desporto, um bem situado parque de campismo é já por si, mesmo sem acontecimentos festivos, todo um vasto plano de distracção, de repouso e de cura.

(N. R.) — E' com muito prazer — sinceramente o escrevemos — que damos publicidade à notícia acima transcrita, tanto mais que toda a região das Caldas da Rainha sempre teve para nós um particular encanto, atracção inteiramente justificada pelas belezas naturais e pela lhaneza das suas gentes.

(O sublinhado é nosso e com ele queremos dar-lhe um significado muito profundo).

A Nossa Banda

No dia 27 de Maio, deslocou-se a Portalegre a Banda Municipal de Nisa que foi à capital do Distrito abrilhantar a "festa dos aventais".

Como sempre, deixou a melhor impressão; e, mais uma vez, soube enobrecer as suas tradições, não só nos domínios de Orfeu, como também no aprumo que lhe é peculiar.

QUEM CANTA

Alentejo não tem sombra
senão a que vem do céu;
abrigue-se aqui menina,
debaixo do meu chapéu.

Vida Judicial

Tomou posse no dia 2 do corrente, de Juiz de Direito da Comarca de Portalegre, o Sr. Dr. Joaquim Carita Grave, que desempenhava funções idênticas em Évora.

Várias pessoas de Nisa foram ali assistir ao acto.

VERDADES DE SEMPRE

Inveja é fome que enjoa,
é cama que tira o sono,
magra cadela raivosa
que morde no próprio dono.

(Versos de
A. Correia de Oliveira)

OS NOSSOS ASSINANTES

(Continuação do número anterior)

Manuel do Rosário Ribeirinho
José da Cruz Correia Ramallete
David Justino de Sousa
José Fernandes Correia Carita
Fernando da Cruz Correia Carita
Dr. António Paralta Figueiredo
Fernando Vivas
Manuel Granchinho
Júlio da Graça Bento
Francisco da Piedade Nascimento
Joaquim Ramos
Justino Lopes
José Pedro Ferrão
José do Rosário Granchinho
Marcelino Salgueiro
Francisco da Graça Bagulho
José Francisco Paralta
João Dinis Fazendas
Manuel Maria Alfaia
José Maria Pinheiro Moura
António da Cruz S. Cardoso
Prof. Joaquim Maria Castanho
Joaquim Charrinho Carita
Dr. Raul Moreira de Andrade
João da Cruz Rosa
José Basso Figueiredo
Maria Vicência Rovisco Marques
João Esteves
Eng. Adelino Lobato Correia
José de Oliveira Franco
José Henriques da Silva Porto
João dos Remédios Beloha
José Maria Reizinho
Sociedade Artística Nisense
Casa do Povo de Amieira do T. (1)
António da Graça Basso
José Quintino Rosa
José Maria Cebola
Luís Correia Mendes
José Carita Corga
Carlos da Cruz Maia Florindo
José Maria Semedo
Justino Antunes Costa
João Dinis Bicho
António José Pereira de Matos
Marcelino Curado Salgueiro
Mário Nunes Fidalgo

(continua no próximo número)

(1) A Casa do Povo de Nisa não é assinante, por enquanto, do jornal desta Notável Vila.

DA MINHA JANELA...

1—Da minha janela vejo o mundo!
Isto não pode ser;
Os crimes e as maldades
Hão-de acabar
Seja quando Deus quiser!
A vida não pode ser assim:
— Venham novas coisas,
Novos arados,
Novos homens com espíritos
Mais iluminados:
— Senão será miséria!
A minha janela,
Seja como for
Não me dêem outra senão aquela,
Por favor.

2—Tu e eu
Ao longe na cidade!
Bulfcio e miséria;
Tragédia e horror;
Eu e tu
Tu e eu
Nós dois — ambos —
Na eternidade,
No amor!

José Ventura Balonas

Enquadrando-se na problemática geral da vida nacional a imprensa regional ajuda a resolver os grandes proble- mas do País

disse o Sr. Dr. Corrêa d'Oliveira ao regressar
da reunião da E. F. T. A. em Viena

Falando aos jornalistas à sua chegada a Lisboa, vindo de Viena, onde participou na reunião da E. F. T. A., o Ministro da Economia, Dr. Corrêa de Oliveira, antes de comentar alguns aspectos desta reunião, fez a seguinte declaração:

" Houve sem dúvida tempo em que as declarações à chegada ao País daqueles que tiveram a honra e a responsabilidade de o representar em missões no estrangeiro tinham toda a razão de ser, uma vez que o País tem o direito de ser esclarecido sobre toda a actuação do Governo que em prejuízo do próprio interesse nacional possa ser levado ao seu imediato conhecimento para que ele cumpra em consciência o dever de julgar.

Mas hoje as nossas declarações ao regressarmos de qualquer missão são quase sempre dispensáveis uma vez que já pela contínua melhoria do seu equipamento, já pela constante elevação do nível dos seus profissionais, já e sobretudo pelos esforços e sacrificios que tantos órgãos da Informação fazem para bem cumprirem, servindo o seu público e a Nação, acontece que no geral a Imprensa, a Rádio e a Televisão transmitiram e comentaram antes de nós quanto poderíamos referir e apreciar à nossa chegada e fazem-no com a segurança de quem através dos seus enviados especiais ou através das suas agências, nos vai inquirir directamente, lá longe, onde trabalhamos e onde lutamos.

Mais do que repetir informações e declarações tornadas públicas, quero aproveitar esta oportunidade para registar, com grande apreço, o interesse com que quase todos os nossos órgãos da Informação têm seguido e analisado o esforço cada vez mais intenso do Governo, pelos Ministérios competentes, não só para dominar, na medida em que as circunstâncias o con-

De Capa e Batina

Impulsionado pelas solicitações do seu temperamento de artista, o Doutor Assis demandou a Itália, em férias grandes.

Passeava distraidamente pelas ruas de Roma, quando a uma esquina topou, acaso, o Doutor Garcia de Vasconcelos que, fiel ao ditado — "quem quer vai, quem não quer manda" — se havia dirigido à cidade-santa.

Trocados os efusivos cumprimentos, af se põem os dois em digressão.

Aqui tem você — diz Vasconcelos — as ruínas do circo romano. Assis detem-se, contempla os maravilhosos restos e exclama pasmado:

— Sim Senhor! Depois de pronto, fica um grande edifício!

sentem, a situação presente de alguns dos mais importantes sectores da actividade económica, como, também, para criar novas possibilidades de acção a incitarem a iniciativa privada a ocupar o lugar que só ela pode desempenhar no processo de desenvolvimento na economia nacional.

E já que me estou a dirigir aos órgãos da Informação, não queria esconder o entusiasmo com que tenho seguido a evolução da Imprensa regional — dos pequenos e tantas vezes grandes jornais da província.

Sem perder o seu cunho local — e não o deve abandonar porque esse é a sua grande força — esta Imprensa está a alargar continuamente o seu campo de acção, levando aos seus leitores fiéis, espalhados tantos deles nos quatro cantos do Mundo, não só as novidades da sua terra mas também os grandes problemas do País. Esta preocupação de melhor se enquadrar na problemática geral da vida nacional, permite à Imprensa regional ajudar a actividade da região a melhor se inserir nos grandes objectivos do País e sacrificar, com alegria, muitas das suas aspirações à defesa de outros e maiores interesses da Nação. A este propósito devo notar que entre as sugestões e apreciações críticas de maior interesse sobre medidas recentes do Ministério da Economia, que li na Imprensa, algumas as encontrei nos jornais da província e formuladas com aquele sabor a autenticidade, só próprio dos depoimentos directamente vividos.

Serão sempre poucos os estímulos que se dêem para maior expansão e dignificação da informação, qualquer que ela seja, desde que de raiz e de destino portugueses a Imprensa regional, merece carinho particular pela natural pobreza relativa dos meios ao seu alcance".

"Plaudite Cives"

Foi há poucos dias festejado solenemente o nonagésimo aniversário de D. Palmira Bastos.

Para tal, uma Comissão sob a Presidência de Honra do Sr. Ministro da Educação Nacional tudo dispoz, no sentido de, em cena aberta, ser tributada à grande honra e glória do Teatro Português a homenagem que muito justamente mereceu.

E, a propósito, evoca-

(Continua na página 3)

"Plaudite Cives"

(Continuação da página 2)

mos aqui a festa dos seus cinquenta anos de artista, no Grande Salão Recreio do Povo em Setubal, noite inolvidável, quando tomámos a palavra e à ilustre Senhora dissemos tudo que de mais sincero traduzia a nossa admiração e o nosso respeito pela sua arte, pela sua dignidade, pela dourada juventude espiritual, que ainda hoje mantém.

Foi uma hora de beleza nunca olvidada. E as nossas palavras cálidas, no fulgor duma impetuosidade que se não quebra, foram quase um madrigal.

Agora, na leitura ardente de outra cebridade da cena portuguesa, Mariana Rey Monteiro, foi o Dr. Leitão de Barros quem falou de Palmira Bastos.

E isso produziu o retrato moral e espiritual da grande artista, a tradução da sua inteligência, dos seus incomparáveis sentimentos estéticos, projectados em bom português e em boa verdade.

O Teatro de D. Maria II, instalado, a título precário no "Avenida", devido ao pavoroso incêndio que arrebatou a Casa de Garrett, não consentiu que todos os admiradores de D. Palmira Bastos assistissem a esses momentos solenes.

Mas a alma portuguesa, toda a gente consciente e culta, ali esteve em espírito, a prestar homenagem à artista ilustre e digna Senhora.

PROJECTO DE ESTATUTOS

Da Corporação da Indústria recebemos um substancioso "Projecto de Estatutos do Grémio Nacional das Agências, Productores e Concessionários de Publicidade".

Agradecemos o exemplar oferecido e desejamos que tudo venha a ter realidade e progresso.

AVISO AOS

"FRANCESES"

Os Srs. Assinantes residentes na França, devem satisfazer, sem demora, as respectivas assinaturas (40\$00 por ano), para evitar a suspensão do envio. O aviso está feito; e parece que bem claro...

ADEUS MAIO!

por Maria Pinto

Já lá vai o mês de Maio, já lá vai o mês das flores. Neste mês as raparigas mais se lembram dos amores.

Desfolham os malmequeres, a ver se Amor lhes quer bem. Se quizeres bem ou mal, não o digas a ninguém.

E' no mês de Maio que fazem a festa de Santo Isidro, padroeiro de quem deita à terra o bom loiro trigo.

Santo Isidro foi em festa, em cima do seu andar. Os campos não têm erva, está mal o lavrador.

Nem feno houve este ano para o gadinho comer. Há sinais de trovoadas, Mas não há meio de chover.

Seja à vontade de Deus — sempre foi, e há-de ser —. Abre os braços para todos, dá o pão para comer.

E' mês de ceifar o trigo que depois se leva à eira. Agora já não há malha, é só a debulhadeira.

No campo, nada tem graça; este ano é bem ruim. E' a vontade de Deus, veremos... até ao fim.

Adeus, Maio, até p'ro ano; Traz de lá boas sementes Traz p'ro ano melhor fruto, para ficarmos contentes. *****

Correio de Nisa

Os serviços de expedição do jornal, em Nisa, estão quase perfeitos; mas quanto aos assinantes de fora da Vila, o caso está ainda muito irregular. Não tem havido, até agora, possibilidade de reparar faltas e apagar defeitos.

Alguns, não muitos, reclamam; e têm razão. Contamos que, dentro de um mês, tudo vá ao seu lugar. Há que ter em conta estes defeitos, próprios do que começa.

VENDEM-SE

Em Nisa, em conjunto, livres de encargos, os dois imóveis que foram propriedade do Senhor Tenente Afonso Marques da Silva e que hoje pertencem aos herdeiros: a propriedade denominada "Fonte da Cruz" à saída de Nisa para Tolosa, e uma casa situada na Praça da República. Os interessados poderão endereçar as suas propostas ao Dr. José Bullas Cruz

Alto Douro — ALIJÓ

A IGREJA DA MISERICÓRDIA

Fala o Doutor Motta e Moura: Depois das Igrejas das duas freguesias, a mais notável é a da Misericórdia, com seu magnífico hospital ao lado, sita na Praça da Vila e junto dos Paços Municipais do Concelho.

É de uma só nave, mas a Capela mor é separada do resto por uma grade de madeira, com suas pinturas. O teto é de abóboda, e tem bastantante elevação. O arco da capela mor, assim como a porta da entrada, é de cantaria da Terra e de forma e arquitectura gótica, tem um belo altar na frente, com retábulo dourado; e duas imagens de Nossa Senhora, simbolizando o mistério da Visitação. No centro, está a Virgem da Piedade com o Filho querido nos braços, naquele lastimoso estado em que o tiraram da Cruz para O sepultar.

E, por cima, está arvorado este precioso lenho, com o sagrado depósito que lhe foi confiado. Por de traz está o trono e a tribuna, que, iluminados e compostos, são os mais lindos e formosos da Vila.

Do lado do Evangelho está a bancada, onde a mesa administrativa da Casa assiste às funções divinas que manda celebrar. E, no fundo, por cima do pórtico da saída, o côro, com as suas grades, onde os doentes e convalescentes ouvem missa. Tem também dois campanários, mas só um conserva sino; e esse é de sobejo, porque o seu tanger fúnebre quase sempre anuncia alguma desgraça. Tem uma espaçosa sacristia onde se reveste o clero e ajunta a Irmandade, para sair aos enterros, com vários armários, onde estão a Imagem de Cristo e as bandeiras da Casa e outros misteres do serviço divino.

Há nesta igreja missa quotidiana, por alma de diversos instituidores de capelas; e duas festividades: a da Semana Santa, com duas procissões e sermões nocturnos; e a da Visitação, no dia 2 de Julho, a que assiste a Irmandade e a Câmara Municipal do Concelho.

Havia sermões, também, nas tardes dos domingos de Quaresma, pagos pelo Concelho; e ainda alguns anos os houve, satisfeitos pelas rendas da Casa, mas, desde o ano de 1842, que acabaram, porque, crescendo as despesas do hospital, pelo aumento da população, não chegava o rendimento para tanto.

E tem uma rica e numerosa Irmandade com seu provedor, escrivão e tesoureiro e dez mesários da primeira e segunda condição, eleitos anualmente, segundo o Compromisso Geral destas Santas Casas.

É ela que cumpre o religioso dever de sepultar os mortos e acompanhar os enterros, havendo por isso a pequena esmola de 400 reis das pessoas humildes, e de 4 mil reis das ricas, que são depositadas na tumba nova, que foi mandada fazer para os Irmãos e suas Famílias.

Enquanto é Tempo...

Alguém nos lembra o caso da Estação de Vale do Peso, espécie de "gare do Luxemburgo", para estas boas gentes da Corte das Areias.

Agora, que os estados meteorológicos resultantes da condensação permitem trabalhos ao ar livre, bom era que a C. P. determinasse o prolongamento do cais, pois no inverno, naquelas trevas de inferno, quem vem nas últimas caruagens tem de fazer verdadeiros exercícios de equilíbrio, para descer. Há que saltar, na escuridão, de muito razoável altura, para a via, com risco ainda de perder a vida, inglòriamente, sem ao menos almejar a uma homenagem póstuma.

O Doutor Mário de Figueiredo, mestre de Direito, é quem nos pode valer com um empenhozinho, junto das altas esferas ferroviárias. Valeu, Sr. Prof.? Diga que sim!

A'gua do Céu

De chuva tem havido apenas escassas amostras. Apesar disto, porém, os milhos ainda têm beneficiado, embora fracamente. Continuam as sentenças de sábios pontificantes e velhas parafrases. Em resumo: o ano vai mau; e a "mentalidade" nada supre, nem pode suprir. Ainda é o que nos vale.

"PAX IN TERRIS"

No passado domingo, dia 6, realizou-se a festa do Coração de Jesus que constou de procissão, pregação e missa.

A procissão, que percorreu várias artérias da Vila, recolheu à Igreja do Espírito Santo.

O tempo instável prejudicou um pouco as solenidades; entretanto ficou mais uma vez patente a união com que todos assistiram e tomaram parte nos actos piedosos.

Silêncio de Ouro; Verdade de Ferro

Onde estão as pedras arrebatadas sinistramente ao medievo Poço do Sítio?

Esta a pergunta que, para esclarecimento da verdade, merecia uma resposta de quem pode responder. Nós, além do desacato, nada sabemos; mas supomos que o silêncio é sintoma de que se deseja o esquecimento.

"REVISTA ALENTEJANA"

Recebemos mais um número desta notável publicação, dirigida pelo Dr. Victor Santos.

Com 65 páginas e uma capa policrômica, artística, festeja o 42.º aniversário da Casa do Alentejo. De entre os vários artigos, evidenciam-se: "Há nos Lusíadas Raízes de um Poema Turístico?", "A Cidade de Évora e a Praça do Giraldo", "O Rossio de S. Brás, em Évora", "A Análise das Terras é Indispensável", "Grandes Génios ao Serviço da Humanidade", "A Vida Quotidiana em Elvas, durante o Cerco e a Batalha das Linhas de Elvas", "A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina". É trabalho de muito apreço. Continuamos a afirmar: Todos os Alentejanos deviam assinar a "Revista Alentejana".

É um dever que se impõe e que a notável publicação bem merece. *****

"Lisboa Pombalina"

Escrita por José Augusto França, doutor em História pela Universidade de Paris, vai em breve surgir nos meios intelectuais a obra "Lisboa Pombalina", edição de "Livros Horizonte, L.da".

Trata-se de um trabalho de larga visão e indispensável a toda a gente culta.

Feras Humanas

Em Meda, um sicário matou a própria mãe, de 75 anos, usando um cutelo, depois de a tentar imolar por meio de asfixia.

Um outro, para os lados do Barreiro, esfaqueou a mulher, com sanha tigrina.

São formas dinâmicas de um banditismo que muitos recalcam em estática.

A LUA

FASES DE JUNHO:

Dia 6 — Quarto Crescente às 12,11
Dia 14 — Lua Cheia, à 1,59
Dia 22 — Quarto Ming. às 5,36
Dia 29 — Lua Nova, às 4,52

Plano de Urbanização

Do «Relatório da Gerência» da Câmara Municipal de Nisa, transcrevemos o seguinte:

A falta do estudo do arranjo urbanístico em volta do Mercado, andando, como anda, ligado ao Plano de Urbanização, está, por outro lado, prejudicando a aprovação deste e, por conseguinte, a própria Câmara que, possuindo já alguns terrenos que poderia ir vendendo para construções junto à Avenida de acesso ao Hospital, o não tem podido fazer.



OS PELOURINHOS — DE NISA —

(Continuado da página 1)

ram. Eu António de Sampaio, es-
crivão da Câmara o escrevi.

aa) Leitão—Pimenta—Galeano
— Manuel Gonçalves — Fernandes
— Freire. (6)

A leitura, atenta, não levanta
apreciáveis objecções à admissão
da ideia de que o pelourinho esta-
va situado num dos lados das ca-
sas do Concelho, o que embora
não muito frequente, não se pode
considerar caso inédito. De facto,
além da construção da casinha, no
quintal, ordena-se o derrube das
paredes da casa dianteira e sua
consequente reconstrução, subindo
a parede «da parte do pelourinho»
até a altura da janela da casa de
dentro que, obviamente, só pode-
ria abrir-se para um dos lados do
edifício.

Se as peças do pelourinho que
actualmente se guardam numa de-
pendência do «hospital velho»
conservam alguma reminiscência
deste outro cuja localização esta-
belecemos, poderíamos dizê-lo um
monumento renascentista pois a
esfera armilar é frequente em pe-
lourinhos dessa época. E se ainda
outros pormenores foram respeit-
ados, admitiremos também que o
pelourinho de 1722 tinha três de-
graus e uma coluna de fuste octo-
gonal.

E é tudo quanto podemos adian-
tar acerca da forma de um monu-
mento que supomos arruinado pe-
la violência do terremoto de 1755,
causador da perda de mais um ele-
mento de tanto interesse para a
monografia de Nisa, outro foi a
Igreja Matriz. Realmente, em 1758,
frei Manuel Canhestro, ao redigir
as «Memórias Paroquiais», refere-
-se-lhe no pretérito (era) e sômen-
te recorda, como pormenor de in-
teresse para os vindouros, uma
cruz decorativa que confundiu com
a dos Templários, confusão que
também lhe observamos quando
escreve acerca da que se encontra
junto da capelinha dos Fiéis de
Deus. (7)

Mais tarde, pretenderam certa-
mente as edilidades refazer o seu
património, reconstruindo o pa-
drão representativo das regalias
dos homens do concelho. A ocasião
óptima surgiu no princípio de 1791.
Posta em pregão, foi arrematada
em 30 de Janeiro desse ano por
João Gonçalves Cegonha "a facção
de um pelourinho novo feito todo
de pedra de Estremoz da melhor,
na forma do risco e planta", pelo
preço de 260 000 reis, (8) devendo
a obra estar concluída até o São
Miguel seguinte.

Não parece ter decorrido
tranquilamente a feitura do símbo-
lo da independência municipal pois
em Outubro desse ano já o lavran-
te era outro, um tal José das Neves,
o qual chegou a ser intimado à
obra sob ameaça de prisão.

Datam do começo de 1792 as

ordens de pagamento ao pintor e
ao ferreiro por trabalhos efectua-
dos no globo e na espada que orna-
mentariam o novo pelourinho.
Isto faz supor que não deveria de-
morar muito a sua inauguração, a
menos que se insistisse na data fes-
tiva do São Miguel. Mas em qual-
quer circunstância, não restam dú-
vidas de que foi inaugurado nesse
ano, como se pode ler no dístico
que o ilustra:

"Nos Populo Damus MDCCXCII"

Mas estava condenado o padrão
concelhio! O que não logrou a ce-
ga força dos elementos, conseguiu
a cega paixão dos homens. E, as-
sim, transcorrido menos de um sé-
culo após a inauguração, já se de-
liberava o seu desmantelamento,
que se consumou em 1877.

Acalmados entusiasmos faccios-
sos, talvez se tenha pensado que o
pobre pelourinho não tinha aquele
significado pejorativo que se lhe
quizera atribuir, e, por isso, muitas
vereações, senão todas, desde 1924
até os nossos dias, têm intentado,
com igual fortuna, a sua reconstru-
ção. Mas já algo de muito impor-
tante se fez, acautelaram-se as pe-
ças componentes, pois tempo hou-
ve que um bloco do pelourinho
esteve no Rossio da vila a servir de
suporte a um candeeiro de ilumina-
ção pública. (9)

Sabemos que a ideia da reinte-
gração continua latente e só espe-
ra melhor oportunidade para se
concretizar. Que seja em breve, são
os nossos votos.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Nas Ordenações Manuelinas
preceituava-se que a fraude
cometida pela terceira vez era
castigada na picota (Livro I,
título XLIX). Nas Ordena-
ções Filipinas o castigo era
remido em dinheiro. Notícia
mais desenvolvida encontrará
o leitor no artigo "Almotacés
de Nisa", publicado nas co-
lunas deste periódico.
- 2 — Vergílio Correia — "Arte: ci-
clo manuelino" in "História
de Portugal", vol. IV, pag.
463, 2.ª col. Barcelos, 1932.
- 3 — A. Vieira da Silva — "Pelou-
rinhos de Lisboa" in "Dis-
persos", vol. I, pags. 13 a 15.
Câmara Municipal. Lisboa,
1954.
- 4 — No texto, "lhes". Livro de
Arrematações de 1658, fol. 20
v. A expressão "togos" esta-
rá por "tocos", chifres de
touro.
- 5 — Nota na margem: "Aliás, da
dita era"
- 6 — Livro de Arrematações de
1722, folhas 13v — 14.
- 7 — "Memórias Paroquiais". Res-
posta dada ao quesito n.º 22
pelo Vigário da freguesia do
Espírito Santo da vila de Ni-
sa, frei Manuel Dias Canhes-
tro. A. N. T. T., tomo XXV,
fls. 155 e segs.

NISA PROGRESSIVA

(Continuado da página 1)

til. Ali se exibiram os simpáticos
Ranchos de Nisa. A concorrência
foi enorme; e o povo compareceu
em massa, a provar mais uma vez
o seu entusiasmo por tudo que se
refira a actuações artísticas.

A propósito, devemos notar que
seria providência bastante inteli-
gente a integração na Casa do Po-
vo de Nisa dos Ranchos desta no-
bre Terra, caso que muitos benefi-
cios traria a todos, pois só com a
colaboração de todos se podem le-
var a bom fim os bons empreendi-
mentos.

Aos visitantes foi depois ofere-
cido um jantar, na Pensão Penin-
sular, cujo serviço muito bom, co-
mo sempre, mereceu às gentes de
Cabeção os melhores elogios.

Ora, estes factos traduzem cla-
ramente que Nisa tem obrigação
de acalantar, com franco entusias-
mo e critério esclarecido, todos os
empreendimentos que se dirijam à
elevação do nível cultural da Cor-
te das Areias.

E, nesta órbita, que é ronda
magnífica de beleza, figuram — to-
dos o sabem; e quase todos o sen-
tem — Os Ranchos da Terra.

Ainda há pouco actuaram no
Cabeção, com a conquista de jus-
tíssimos aplausos; e para outras lo-
calidades se vão mostrar, contri-
buindo assim simultaneamente pa-
ra réclamo de tanto de bom que
possuímos e também para desen-
volvimento mental dos respectivos
componentes, vendo outras terras,
respirando outros ares e verifican-
do que o mundo sempre é maior
do que julgavam.

Para a frente marcha o gro-
gresso.

8 — Livro de Arrematações de
1791, fols. 26v — 27.

9 — José F. Figueiredo — "Mo-
nografia da notável vila de
Nisa, pags. 26, 28 e 29. La-
mentamos não termos tido
ocasião para consultar a do-
cumentação citada pelo autor.

NOTA — Foram também utiliza-
das na elaboração deste trabalho
as seguintes obras:

- Grande Enciclopédia Portugue-
sa e Brasileira, vol. XX, pag. 912.
- João de Almeida — "O Livro
das Fortalezas de Duarte de
Armas". Lisboa, 1943.
O desenho de Montalvão en-
contra-se a pags. 183.
- Luís Chaves — "Os Pelou-
rinhos. Elementos para o seu ca-
tálogo geral. Lisboa, 1939.
- Mário Guedes Real — "Pelou-
rinhos dos extintos concelhos
da Estremadura" in Boletim da
Junta de Província da Estrema-
dura, n.ºs 29/31. Lisboa, 1952.
- Sousa Viterbo — Empicotar e
Picota, in "Elucidário". Lis-
boa, 1799.

ENG. CUSTÓDIO NUNES

Realizou-se no dia 5 de Maio a
homenagem póstuma ao Engenhei-
ro Custódio Nunes, com a inaugu-
ração de um monumento que per-
petua as notáveis qualidades inte-
lectuais e morais do ilustre funda-
dor da Hidro Eléctrica do Alto
Alentejo.

Houve sessão solene a que se
dignou presidir o Sr. Governador
Civil do Distrito de Portalegre, que
também representava o Sr. Minis-
tro da Economia e Secretário de
Estado da Indústria.

Ladeavam o Presidente o En-
genheiro Palma Carlos, Director
dos Serviços Hidráulicos, Enge-
nheiro Martins Galvão, Presidente
da Direcção da H. E. A. A., Dr.
Alfredo Filipe, Presidente da As-
sembleia Geral da mesma Empresa,
Presidentes das Câmaras Muni-
cipais de Nisa e de Castelo de Vide,
Dr. Virgílio Godinho Nunes, mem-
bro da Direcção e irmão do home-
nagado; e ainda o Rev. Pároco de
Póvoa e Meadas.

Abriu a sessão o Engenheiro
Palma Carlos e descerrou a effigie
do Engenheiro Custódio Nunes a
menina Maria Luiza Nunes Go-
dinho.

Seguiram-se no uso da palavra
os Srs. Engenheiro Costa Pereira,
em nome do pessoal da Hidro; Dr.
Valente Machado, pela Casa do
Alentejo, Capitão Carpinteiro e Te-
nente Falcão, amigos do homena-
gado, Engenheiro Malato Beliz,
pela Câmara de Castelo de Vide e
Dr. Virgílio Nunes que, em nome
da família do Engenheiro José Custó-
dio Nunes, agradeceu as palavras
de justo louvor, proferidas por to-
dos os oradores. Encerrou a ses-
são o Sr. Governador Civil do Dis-
trito.

Seguiu-se um beberete ofereci-
do aos numerosos convidados.

A prestigiosa Empresa que é a
Hidro Eléctrica do Alto Alentejo
saldou assim uma dívida de grati-
dão e prestou justiça inteira ao ho-
mem que tanto lutou para bem do
País e de todos que honradamente
servem a Hidro Eléctrica do Alto
Alentejo, ali ganhando o pão de
cada dia.

BAPTISMOS

- Maria Luisa Ribeiro Belona, fi-
lha de José do Rosário Curado
Belona e de Maria José Nabo
Ribeiro.
- Joaquim José Parracho Ribeiri-
nho, filho de António de Oli-
veira Ribeirinho e de Maria Jo-
sé Duarte Parracho.
- Carlos Manuel Salgueiro Mou-
rato, filho de Mário do Rosário
Pereira Mourato e de Narcisa
Salgueiro Cartaxo.

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

Barões Assinalados

O 10 de Junho foi con-
dignamente festejado por
todo o País. E' o dia de Ca-
mões, o dia de Portugal.

Em Lisboa, no seu átrio
magnífico que é o Terreiro
do Paço, com a presença
do Chefe do Estado, Presi-
dente do Conselho de Mi-
nistros e restantes mem-
bros do Governo, Preside-
nte da Assembleia Nacional
e altas patentes das Forças
Armadas, foram condecora-
dos, os heróis que no nos-
so Ultramas se distingui-
ram na luta contra o ban-
ditismo e que ali escreve-
ram mais uma página bri-
lhante da História Lusa.

Glória aos soldados da
Pátria, verdadeiros conti-
nuadores da honra e da ga-
lhardia dos nossos antepas-
sados, daqueles de quem
Camões escreveu:

De quem feitos ilustres se souberam,
de quem ficam memórias soberanas,
de quem se ganha a vida com perdê-la,
doce fazendo a morte as honras dela.

GENTE CIVILIZADA

Para uma visita aos Cas-
telos de Portugal, encon-
tram-se no País vários mem-
bros do «Instituto Interna-
cional de Castelos».

São todos pessoas de
vasta cultura e, consequen-
tamente, responsáveis.

O Ministério das Obras
Públicas dá a esta tarefa,
de grande categoria intelec-
tual, todo o seu patrocínio,
através da Direcção Geral
dos Edifícios e Monumentos
Nacionais.

Os ilustres visitantes
vão percorrer esta Velha
Casa Lusitana, de norte a
sul.

E' acontecimento que
irá provar a dignidade dos
nossos restauros e também
constitue uma lição para
aqueles que se organizam
no sentido de destruir as
provas da nossa secular
beleza e galhardia.

Pena é que não venham
até Nisa, onde receberiam
grandes ensinamentos.